

O *ETHOS* DE HARRY POTTER A PARTIR DA TRAJETÓRIA DO HERÓI

*Renato de Oliveira Dering**

Universidade Federal de Goiás

Resumo: Pretende-se com esse artigo perceber como se dá a relação do *ethos* do herói moderno com sua trajetória, observando as teorias de Maingueneau e Vogler, respectivamente. Para essa análise será visto o percurso do protagonista da série literária e fílmica *Harry Potter*, em especial, sua primeira obra, denominada *Harry Potter e a pedra filosofal*. Seguindo essas teorias mencionadas, todo herói, em sua maioria, carrega em sua história aspectos que podem ser facilmente identificados pelo leitor e são esses elementos que fazem com que esse leitor, também sujeito ativo no processo de interação com a obra, aceite a personagem, tal como ela se porta. A imagem que o sujeito passa e sua recepção é que permitirá seu aceite ou recusa. Deste modo, o *ethos* da personagem *Harry Potter* é preponderante para que cause a identificação do leitor com a obra, pois aquele já possui uma imagem pré-concebida do arquétipo do herói e torna plausível toda a trajetória que por ele será conquistada.

Palavras-Chave: *Ethos*. Herói. *Harry Potter*. *best-seller*. Literatura de massa.

A literatura sofreu no século XX uma ruptura muito grande no que se trata de leitura canônica. Isso se deu ao surgimento e fortalecimento da literatura de massa, vulgarmente também considerada de *Best-Seller*, termo usual. Esses livros, em sua maioria, são direcionados ao mercado comum de leitores que buscam entretenimento, isto é, um mercado consumidor “leigo”. Logo, aos olhos de inúmeros teóricos e críticos literários, trata-se apenas de uma prática meramente industrial. Deste modo, como aponta Kothe (1994, p.230) “O *best-seller* tem a marca da mercadoria, mas não consegue ser mais que uma mercadoria”. Nesse último século, a literatura de massa atingiu boa parte da população em todo o mundo,



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

* Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Professor de Literatura na Universidade Federal de Goiás - Campus Jataí (UFG-CAJ). Atua na área de literatura, com foco em contística, cinema e literatura e cultura de massa.

repercutindo nas diversas camadas da sociedade e levantando a incógnita sobre seu enquadramento na literatura. O grande impacto no mercado ficcional (ou literário, se assim o considerarmos) se tornou recorrente nas obras que viriam a surgir nos anos seguintes. *O Código da Vinci*, *Crepúsculo*, *Senhor dos Anéis*, *A Menina que Roubava Livros* e outros nomes fazem parte dos títulos que ganharam rapidamente as prateleiras das livrarias e, com o grande sucesso, repercutiram dentro do cinema, com muitos deles sendo filmados e re-filmados.

Apesar de já existirem antes da década de noventa, como no caso de *Senhor dos Anéis* ou *O nome da rosa*, foi nessa época que a literatura de massa tomou proporções surpreendentes dentro do cenário literário e filmico. A literatura de massa começou a ser lida de maneira mais ativa e corriqueira, aproximando o leitor das obras, fato que parecia estar afastado, principalmente pela difusão dos diversos meios audiovisuais, que por sua comunicação direta através de imagens, propicia ao senso comum uma maneira rápida e fácil em se interar dos fatos. Contudo, uma das razões dessa grande visibilidade, mesmo com tantos fatores contrários, se deu pela linguagem qual estabelece com o leitor, uma linguagem de fácil acesso e de poder persuasivo mais forte.

Discordando que a literatura de massa seja meramente produto industrial, podendo se atribuir a ela outros valores que lhe cabem, destacamos aqui a série de livros da escritora britânica J. K. Rowling, um dos divisores de água quando tratamos dessa literatura. A proximidade dessas ideologias entre obra e leitor, permitiu que, assim que chegasse às prateleiras, em mil novecentos e noventa e sete, o livro tivesse uma boa recepção de público, e dois anos depois a autora já fecharia contrato com a Warner Bros para a produção fílmica, outra constatação do estrondoso sucesso.

Harry Potter já soma mais de quatrocentos milhões de exemplares vendidos em todo o mundo, com cerca de sessenta e sete traduções (ROWLING, 2008). É o livro que proporciona, claramente, uma identificação do leitor contemporâneo com a narrativa ficcional imaginativa. Se sua história e o modo em que foram estabelecidos produziram sentidos, elas são facilmente aceitas pelo receptor da obra, ou seja, os leitores (ORLANDI, 2004).

A história acontece em torno de um garoto que, a cada livro da série, passa por um problema distinto, sendo seu maior e mais recorrente o antagonista, Lord Voldermort. “Os livros de Rowling se passam nos anos 90, na Inglaterra “trouxa” (sem bruxaria) moderna, com carros, telefones e playstations. Os problemas no mundo mágico são sólidos e reais como os do nosso mundo – preconceito, depressão, ódio, sacrifício, pobreza, morte” (BUCHAUL, 2012, s/p)

Essa seria a primeira visão que se pode ter dentro da narrativa, contudo é importante perceber que o *ethos* e o papel do herói são fatores diferenciais nessa narrativa, que vai além do trivial, qual os críticos esperam da literatura de massa. A relevância em observar não apenas os problemas que o herói enfrenta, porém o modo com o que essa personagem reage para tais condições e conduz a história, nos abre o campo de visão para que entendamos seu papel no diálogo que este estabelece com seu leitor.

É esse modo de percepção da obra que, nos mostra como a literatura de massa e sua repercussão para o cinema pode ir além de um produto comercial, perpassando outros teores de análise despercebidos até então pelos críticos. É necessário que a percebamos em sua interação com o interlocutor, a ponto de cumprir as funções da literatura e cinema, não a delimitando apenas em um campo meramente estético, mas caminhando para um lado sócio-cultural que as artes também promovem.

Espectadores ou sujeitos?

Para que se possa verificar o lado sócio-cultural qual nos propusemos, é preciso que entendamos o papel do interlocutor dentro da história. Antes da década de oitenta, entendia-se o receptor como alguém que passivamente recebia os conteúdos, “assim, não havia razões para estudar os modos de recepção; interessava entender o modo como as mensagens são emitidas [...]” (DUARTE, 2002, pp. 64-65). Após essa década, a ideia de receptor passivo começa a mudar, começa a se acreditar que não se trata apenas de um espectador (ou leitor) que recebe, mas sim um *sujeito social*, que se relaciona com os conteúdos e possui sua cultura, valores e crenças.

Nesse momento, percebe-se que a “cultura, para a maioria das pessoas, é um ritual de conformismo inconsciente [...] Se a minoria e as massas compartilham valores comuns, elas o fazem em níveis diferentes de consciência” (EAGLETON, 2005, p. 166). E se eles se diferem, consequentemente, o recebem de maneiras distintas. Possuindo esses atributos, sem dúvida, o sujeito dialoga e está aberto ao diálogo em suas leituras, sejam na literatura ou no cinema, pois esse processo é similar. Receptores de um filme, por exemplo, vão além de meros espectadores, pois se tratam de leitores (de audiovisuais) ativos e independentes. Eles vão interagir com o que lhe é proposto numa relação de troca mútua. O livro é passível de inúmeras leituras e cabe ao seu interlocutor (receptor) receber e dar sentido ao que está sendo lido.

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. (BAKHTIN, 2006 p. 117)

Cada pessoa é composta por sua subjetividade, e esta, obviamente individual, pode ser compartilhada e diluída nesse incessante diálogo que o livro proporciona. Os entendimentos básicos são comuns. É simples entender o que a história diz ou quem são as protagonistas, contudo cada sujeito percebe ao seu modo e a transfigura conforme sua visão de mundo. Logo, não interessa se dois leitores são da mesma idade ou se vivem na mesma casa, ainda haverá leituras diferentes que propiciarão entendimentos distintos.

Esse vínculo é justamente o que individualiza as percepções de cada leitor. Por tal razão, os juízos de valores são tão importantes na concepção de uma obra, corroboradas aqui por Candido (1993).

Uma obra [de arte] é uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não literários: impressões, paixões, idéias, fatos, acontecimentos, que são a matéria-prima do ato criador. A sua importância quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira por que o faz. (CANDIDO, 1993, p. 35 – Grifo nosso).

O modo como a obra diz algo é que a constitui, bem como o modo em que ela é recebida. É na interação entre obra e leitor o lugar de produção de significado. Deste modo, uma obra possui não somente um, mas inúmeros significados, pautando que a recepção trata-se de um fato social, pois responde a um desejo do leitor e sem ele, a obra não cumpriria seu papel (ZILBERMAN, 2009). Observa-se assim que “A língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes*” (BAKHTIN, 2006, p. 128).

Só haverá troca de conhecimento se houver comunicação, e essa comunicação deve ser dialógica, segundo Bakhtin. Quem emite e quem recebe, como sujeitos sociais, possuem relações de interação e produzem enunciados, carregados de história, historicidade, ideologias e sentidos (ORLANDI e RODRIGUES, 2006). Assim, “propor um discurso sobre as mídias sem nada saber do sentido que adquirem as emissões para os espectadores, é se privar do elo essencial dos processos que conduzem a seus *efeitos*” (DAYAN, 2009, p.64).

Linguagem, discurso e *ethos*

Em *Harry Potter e A Pedra Filosofal* os jogos de enunciados são compostos por ideologias perceptíveis em cada personagem. Sem questionar as intenções da autora, e do roteirista que adaptou a obra, quanto percussores do discurso que compõe a obra, devemos pontuar que o autor não é apenas aquele que escreve, contudo é também como “o princípio do agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 1999, p. 26), ou seja, ao mesmo tempo em que o autor é aquele que escreve ‘arte pela arte’, se assim quiser se considerar, o mesmo é aquele cuja escrita está carregada de discursos que interagem todo momento com o leitor. A intenção no modo de escrita é indissociável daquele que escreve. Assim, quando escrevemos, postulamos na escrita nossas impressões e também nossas subjetividades.

A interação que ocorre entre leitor e a obra são evidentes, cabendo lembrar que, a linguagem (pensando o termo em um sentido amplo) não está ligada somente ao conceito saussuriano, pois por ser sincrônico e não abordar alguns elementos para análise se torna limitada para o nosso estudo. E, se toma parte um conceito limitado, sem a abertura de novos campos, o estudo pode levar a caminhos diversos, ou ainda ao erro. A definição que Saussure propõe não considera, por exemplo, o social, cultural, ideológico e outros aspectos fundamentais para a análise da literatura e cinema de massa (ORLANDI, 2004).

Essa relação de sentidos que se estabelece entre leitor e obra é dialógica. O leitor, com o poder de eleger o que quer abstrair da obra, sai do consenso de passividade, pois sempre interage com a obra. Os discursos entram em diálogo, e uma vez que o discurso é a materialização de ideologias, pode-se afirmar que o texto é a materialização do discurso. Assim, o enunciador e receptor da mensagem, enquanto sujeitos, possuem a relação de interlocução e produção de sentidos (ORLANDI e RODRIGUES, 2006).

Temos nas aventuras de *Harry Potter* a materialização dos efeitos de sentido desse discurso, e como todo discurso, é composto por ideologias. Tomo por ideologia a perspectiva de mundo pela qual mede a sociedade de acordo com o contexto histórico, inserida em discursos articulados por jogos de enunciação (FERNANDES, 2007). É importante tomar nota que o discurso permeia não só o que está dito na frase em si, mas o que está inserida nela implicitamente (MAINGUENEAU, 2008).

Percebemos que as ideologias contidas na obra *Harry Potter e a pedra filosofal* foram aceitas pelo leitor (tomando que o espectador de cinema também é um leitor) ou não lhe causam repulsa, apesar de ser uma história de bruxos, ela é condizente com o que se concebe por esse tipo de narrativa ou pela expectativa do leitor. As diversas vozes contidas na narrativa são outro elemento para que houvesse essa aceitação do interlocutor. O imaginário

do Bestiário Medieval, ideologias do discurso social contidos em uma sociedade que rege o comportamento das personagens da obra e, caracteriza de forma clara o *ethos* da protagonista, um jovem herói.

Esse herói contemporâneo trata-se de uma personagem que está fragmentada, característica presente na sociedade que viveu uma intensa globalização e difusão, principalmente ocorrida após as duas grandes guerras mundiais. Assim, verifico que a identificação do público pelo bruxo *Harry Potter* está contida também na busca de uma identidade pessoal que se perdeu na atualidade, seja por um ou outro fator propiciado durante o último século. “[...] As identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2006, p. 48).

Quando o leitor se depara com uma personagem pela qual se projeta, ele demonstra seus desejos e vontades, pois sabe o que esperar da mesma. É justamente essa projeção que observamos no arquétipo do herói em questão. Apesar de se tratar de um herói contemporâneo, ele carrega características clássicas do *ethos* do herói, advindas principalmente do senso-comum, isto é, ele já está projetado na mente do seu leitor como um herói, a pessoa que salvará as demais, a referência, possuindo suas qualidades e defeitos, quais são conhecidas ou coerentes para a aceitação do interlocutor.

Falamos então de um herói fragmentado e indeciso, diferente dos arquétipos gregos, que possuíam vigor e perspicácia, mas tratamos também de um herói que tem caráter, é justo, imparcial em suas possibilidades e tem um objetivo por conquistar. O leitor de hoje procura reconhecimento de si no que lê e assiste, e não só isso, extravasar o que ele, na realidade não consegue. “Nas sociedades de cultura tradicional, portanto, a maturidade é condição para viver dentro dos limites das tradições culturais” (CAMPBELL, 2008). O herói, como o leitor, está incluído numa sociedade com fortes traduções e por isso tenta se desvincular do que está pronto através da arte.

Deste modo, observando a trajetória do herói, noto de forma clara, a imagem que ele passa dentro da narrativa e o que essa visão implica para o decorrer da história, principalmente quando se leva em consideração o impacto que esta causará para com o leitor. Logo, o *ethos* do herói de *Harry Potter* vai ser atribuído pelo interlocutor, que o aceita e o faz como representante de suas vontades dentro da visão ficcional que esse leitor projeta (MAINGUENEAU, 2008).

A tentativa de destacar o herói nas narrativas é, não só evidente, mas fundamental na construção e desenvolvimento da história, aqui sim entra a intencionalidade dos autores, que o coloca em foco. Contudo a aceitação será do leitor, é ele que cria a imagem dessa personagem

e a pressupõe como um herói. Assim, o *ethos* estaria ligado ao estereótipo, se esse conceito não fosse tão limitado, pois retoma a uma ideia geral. O *ethos* trabalha com a questão subjetiva de quem recebe a obra, neste caso, pode também ser individualizada – no sentido de subjetiva (MAINGUENEAU, 2008).

Ao criar e delinear a trajetória um herói, escritores, roteirista e diretores têm em mente que seu leitor possua conhecimento para que compreenda sua mensagem e identifique-se com a obra, isto é, projetam características de senso comum e de ampla aceitação. Assim, ele prevê o que pode dizer e como deve se pronunciar para que atinja seu objetivo. A protagonista deve condizer com o que os leitores esperam que ela faça, ou seja, suas atitudes devem ser coerentes com seu caráter. Mas dizer em coerência não implica dizer que os modos como essas atitudes serão realizadas serão os mesmos em todas as narrativas, fato esse que diferencia todas as obras.

Assim os juízos de valores, por exemplo, são cruciais para que haja identificação. O herói e o *ethos* qual o constitui, não podem variar o caráter da personagem de modo a torná-la incoerente com o enredo, pois faz parte do imaginário do leitor que ela haja de uma maneira e não de outra. Justamente esse fator é que caracteriza a obra e faz com que a torne aceita. Por essa razão o *ethos* do herói é claramente identificado na literatura e contribui para a aceitação das obras.

Trajетória do herói e seu ethos

Christopher Vogler (2006), estudioso de Joseph Campbell, retrata em seu livro *A Jornada do Escritor*, o percurso que o herói faz durante a narrativa, o que nos remete de maneira clara a que imaginamos da personagem. Quando lemos qualquer história, seja ela escrita ou em audiovisual, conhecemos as ações da personagem dentro da narrativa, mesmo que inconscientes. Isso ocorre, pois temos pré-concebidas as imagens da personagem em questão.

Bakhtin corrobora trabalhando a expressão, nesse caso o papel do herói, como “tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores” (BAKHTIN, 2006, p.115). Esses signos representativos estão nas características dessa personagem, e na relação que estas terão com o receptor da obra. Isso acontece com o bruxo *Harry Potter*, personagem do livro e filme que levam seu nome como título.

Na primeira narrativa (livro e filme) da série, intitulado *Harry Potter e a pedra filosofal*, a apresentação das singularidades da personagem deve ser evidente, e assim é realizada. Contudo apenas a apresentação delas não cria *ethos*. O estereótipo do herói está claro, é evidente, pois já o temos interiorizado, mas o *ethos* será construído no diálogo entre leitor e obra, observando a significação que essa personagem passa ao seu interlocutor. Assim, seja na leitura do livro ou na leitura do audiovisual, concretizamos a ideia desse herói no diálogo que propusemos a ter com a obra.

Nesse ponto, tomo a significação pelo conceito bakhtiniano “A significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto” (BAKHTIN, 2006, p. 136). Reiterando, discorre mais a frente que essa significação será composta na interação entre locutor e receptor, através de um determinado material (BAKHIN, 2006).

Assim, percebemos que na constituição desse herói, haverá a relação imediata entre o que ele passa e o que as pessoas esperam dele. Logo destacamos que “as condições de produção incluem pois os sujeitos e situação” (ORLANDI e RODRIGUES, 2006, p. 15), ela não será realizada sem o diálogo.

Em suma, podemos fazer a seguinte sinopse da história. Um jovem bruxo vive com tios sua infância toda, quando entra na adolescência recebe uma carta o convidando para estudar em *Hogwarts*, uma escola de bruxos. Os tios escondem a carta, e quando consegue lê-la, é encorajado por um professor da escola a ir nessa aventura. Chegando ao mundo estranho do seu, faz amizades, descobre inimigos e novos desafios. Nessa história seu principal desafio está em “defender” a Pedra Filosofal, importante elemento no mundo dos bruxos. Na defesa pela Pedra, encontra seu principal rival, lutam até ele quase morrer, mas consegue se superar e vencer seu oponente. Quando todos percebem o acontecido, Harry Potter é repreendido pelos professores e diretores da escola, por estar envolvido nessa história e ao fim da trama retorna a casa dos tios, onde leva consigo ensinamentos e aprendizados.

O bruxo Harry Potter trilha um caminho que todo herói segue, ou seja, ele é composto por ideologias que irão formar o que entendemos como herói. “Há um efeito ideológico elementar pelo qual o sujeito, sendo sempre-já sujeito, coloca-se na origem do que diz” (ORLANDI e RODRIGUES, 2006, p. 19). E não só se coloca nas origens do seu discurso, como reage a ele de forma pré-concebida. O mito do heróis nos leva a essa concepção, pois como sabemos, O mito é considerado uma das primeiras formas de sistematizar algum conhecimento na busca de compreensão da realidade. Conjunto de

narrativas permeadas de simbologias, a palavra grega *mythos* significa “história”, mas também “esquema”, “plano” (BUCHAUL, 2012, s/p, grifo do autor)

Assim, o discurso desse sujeito interfere em suas atitudes. Quando o herói decide ir à busca da Pedra Filosofal, ele retoma toda sua história, mesmo que inconsciente, esse ponto é o que Orlandi e Rodrigues (2006) trabalham quanto ao esquecimento. Harry Potter vai às lutas e descobrimentos, impera um discurso de um herói, contudo esse mesmo discurso já foi promovido por outros heróis. Essa imagem que temos dos heróis que torna possível essa identificação, assim, mesmo fragmentado, o leitor pode perceber seu papel.

Vogler (2006) enumera as etapas desse herói da seguinte forma. No primeiro momento ele destaca o lugar da personagem e sua interação com esse espaço, que é confortável, pois é um local que ele já conhece. Contudo, a protagonista se vê diante um desafio, que reluta por aceitar. "Harry enfrenta sua recusa de modo mais leve, por sua natureza infantil. Quando chega ao mundo especial dos bruxos, ele descobre que é famoso [...]" (DUARTE, 2010, p.16). Convencido que deve seguir seu caminho, ele, ainda em fase de constituição para a juventude, sai do lugar agradável e irá se deparar com o “outro mundo”. "Não é por acaso que o ciclo de Harry Potter começa na pré adolescência. O arquétipo do herói está profundamente relacionado com essa fase da vida embora não corresponda necessariamente a ela" (OLIVEIRA, 2009, p. 25). Nesse momento, o herói pensará em desistir, mas sabe que não deve voltar atrás, está em sua índole, seu caráter, uma das características do *ethos* heróico. Neste novo mundo, enfrenta desafios diferentes dos já conhecidos, e interage com outras personagens que irão ajudá-lo na caminhada e outras que tentarão impedi-lo. Porém, ele se supera e chega ao desafio qual lhe foi proposto. A luta é difícil, ele é quase morto, mas forte, consegue vencer seu desafio. Após a conquista, é hora de voltar ao seu lugar comum, porém no regresso ele enfrentará as consequências das mudanças que realizou em sua ida, podendo ser graves ou não, mas sempre haverá. Superando o trajeto de volta, esse herói trará consigo experiência e algo para contar aos seus.

A trajetória do herói é clara, principalmente quando analisamos o princípio de Vogler e Campbell em outras histórias. Mas o que difere, realmente, é o modo pelo qual esse herói realiza suas façanhas. Sabemos disso, pois temos interiorizado o percurso dessa personagem. O arquétipo de herói nos faz crer que em nenhum momento ele fará outro caminho, que não esse. Sabíamos, desde o início da leitura, ainda que irrefletidos, que o herói teria um desafio e que o enfrentaria, o que não tomamos conhecimento de imediato é no como ele agirá. Sabemos disso porque nossa memória discursiva nos relembra disso a todo o momento. Logo, segundo Orlandi e Rodrigues (2006), a memória discursiva se trata do já dito que é re-

colocado em um novo discurso, e como cada enunciação será diferente, mantém-se o discurso (com suas ideologias primárias), ou seja, o modo de produção que irá se diferenciar.

O *ethos* do herói que construímos faz com que aceitemos essa história, talvez não como a melhor, porém a mais plausível (verossímil) e digna de ser reproduzida, pois é dever do herói enfrentar seu problema e regressar ao seu mundo para obter sua glória pela luta. É justamente essa imagem que temos dos heróis, que nada difere do Harry Potter. Os caminhos percorridos por essa personagem seriam os mesmos, ainda que seu modo de atuação fosse distinto. "O desenvolvimento da trama está pautado nas ações do herói perante o ambiente que lhe é apresentado e no resultado destas ações" (OLIVEIRA). Isso ocorre, porque o *ethos* de Harry Potter, e de qualquer outro herói, é condizente com a imagem que criamos deles (MAINGUENEAU, 2008).

Por tal razão tomamos *ethos* como uma relação entre o sujeito, provido de ideologias e intencionalidade, e a recepção do leitor para com essa imagem. Inferimos assim que, *ethos* é uma noção discursiva construída por meio do processo interativo entre os locutores e interlocutores, e esse processo emite a imagem que o interlocutor tem de seu sujeito, não sendo essa necessariamente a imagem que o sujeito emite, ou quer transmitir.

Quando existe a identificação do herói com o leitor, percebe-se que a imagem da personagem foi construída com fins que foram aceitos pelo receptor da obra. Logo Harry Potter retoma ao *ethos* dos heróis que o interlocutor possui, caracterizando, deste modo, artifícios que tornam sua trajetória plausível, pois a imagem constituída pelo leitor de herói implica nas ações que ele faz, isto é, ele age desse modo porque os heróis assim o fazem, pois é esse o *ethos* que temos de um herói.

Considerações

Harry Potter, assim como grande parte dos heróis, seja ele clássico ou contemporâneo, possui um conceito de seu caráter que os faz serem aceitos dentro da narrativa. A imagem que produzimos do herói se torna verossímil, quando analisamos as obras pela perspectiva do enredo, pois se identifica traços que causam essa aproximação do que quer se passar, devido a produção dos sentidos trabalhados dentro da obra. Em *Harry Potter e a pedra filosofal*, pode-se verificar que a trajetória do herói é condizente com as implicações de Vogler, sobre as etapas percorridas pela personagem. Isso decorre do fato que, o discurso ideológico dos heróis, com base na relação deles com o leitor, faz com que se perceba e admita sua história e sua significância.

Nessas implicações, independente de ser uma literatura e cinema de massa ou obras canônicas, o herói possui elementos que o caracterizam e preenchem o *ethos* que se faz dessa personagem, em uma relação do seu discurso com a memória discursiva do receptor, e qualquer atitude que fuja a esse conhecimento já concebido, causará estranhamento e até a possibilidade de recusa.

Considerando o sucesso dessa literatura de massa, evidencia-se que ao traçar (ou sua tentativa em compor) o *ethos* de Harry Potter, os autores conseguem causar em sua obra a identificação e interação entre obra e leitor, reafirmando de maneira implícita que, mesmo fragmentado, a imagem do herói se mantém comum e de fácil percepção e aceitação, pois abarca um leitor social, que projeta seus anseios na literatura. Logo, as narrativas literárias e fílmicas não apenas acompanham a sociedade, sendo, portanto, um fator social, como traduz os anseios da mesma. Nesse ponto, afirmar que a literatura e cinema de massa são obsoletos é, de certo modo, reprimir a propagação de uma nova forma de produção de arte que se firmou nas últimas décadas, seja por incursão da indústria cultural, seja pela mudança do gosto do leitor.

Referências

BAKHTIN, Michael. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

BUCHAUL, Sandra Venâncio Kezen. “Harry Potter e a jornada do herói: receita do sucesso das literaturas de massa”. Disponível em: <<http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/viewFile/1742/927>> Acesso: 28 out 2012.

CAMPBELL, Joseph. *Mito e Transformação*. São Paulo: Ágora, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1993.

DAYAN, Daniel. Os mistérios da recepção. In. FEIGELSON, K. FRESSATO, S. B. NÓVOA, J. (Orgs.). *Cinematógrafo: um olhar sobre a história*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Ed. UNESP, 2009. p.61-82.

DUARTE, Rafael Mendes. “A jornada do herói: O monomito na ficção seriada Lost” Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27900/000768072.pdf?sequence=1>> Acesso: 28 out 2012.

DUARTE, Rosália. *Cinema e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Trad. Sandra Castello branco. São Paulo: UNESP, 2005.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOTHE, Flávio Rene. *A narrativa trivial*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

OLIVEIRA, Livia Sheila Dias Rodrigues de. "O arquétipo e a jornada do herói na saga de Harry Potter". Disponível em: <http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/c204165.pdf> Acesso em 28 out 2012.

ORLANDI, Eni O. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI Eni P.; RODRIGUES, Suzy Lagazzi. *Discurso e Textualidade*. Campinas: Editora Pontes, 2006.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e A Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2008.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*. Trad. Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 2009.

[Recebido em março de 2012 e aceito para publicação em outubro de 2012]

The ethos of Harry Potter from the hero's trajectory

Abstract: The main purpose of this paper is to show the relationship between the modern hero's *ethos* and his trajectory, using as base the theories defended by Maingueneau and Vogler respectively. Therefore, for this analysis we will demonstrate the route traveled by the protagonist of the literary and filmic series *Harry Potter*, especially in his first book call *Harry Potter and the philosopher's stone*. Following those analysis already mentioned, all heroes or most of them, carry in his history aspects that can be easily identified by the reader and at same time, are those elements that making that kind of reader be also an integrates subject in the process of interaction with the writer's work, accepting the character, as he or she acts. The picture that the subject and its reception is allowing his/her acceptance or refusal. Therefore, the Harry Potter's *ethos* is leading to the identification with the writer's work, because the reader already has a preconceived image of the hero's archetype and makes it's plausible for the whole trajectory that will be conquered by him.

Keywords: *Ethos*. Hero. Harry Potter. Best-seller. Popular literature.

